

RELATOS PESSOAIS E ESCRITA DA HISTÓRIA: REFLEXÕES SOBRE A LEITURA DOS VERSOS ESCRITOS POR UM SOLDADO LEGALISTA

Caroline Tecchio

Mestranda em História pela Universidade Federal de Pelotas

caroltechio@yahoo.com.br

O uso de documentos pessoais em trabalhos de história pressupõe algumas inquietações, tais como a intencionalidade de quem produziu a fonte, subjetividade, seletividade da memória, etc. A partir das considerações de alguns autores que trabalham com documentos pessoais e o estudo do Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio¹, pretende-se pensar a escrita de si e as possibilidades de uso dessa escrita na história.

Antes de explicar como é a fonte tomada como ponto de partida desse texto, faz-se necessário falar um pouco a respeito de quem a escreveu. Ernesto Baptista Tecchio nasceu em vinte e cinco de agosto de 1904 na cidade de Guaporé – Rio Grande do Sul, mas especificamente no então distrito de Serafina Correia. Filho dos imigrantes italianos Sebastiano Thecchio e Thomazina Soppoletto², declarou-se carpinteiro em sua incorporação no Exército³, profissão que poderia exercer paralelamente à agricultura, sendo esta a profissão de seus pais. Como aprendera o ofício e onde estudou são informações que não constam na documentação levantada, mas seus relatos sugerem uma capacidade argumentativa de alguém que era familiarizado com as letras. Após servir em Alegrete, Rio Grande do Sul entre 1924 e 1925, teve dois anos de dispensa e retornou ao Exército em 1928, permanecendo dois anos na cidade de Cruz Alta, Rio

¹ O Caderno de Anotações do soldado legalista Ernesto Baptista Tecchio encontra-se com sua família, sendo que o sobrenome indica o parentesco com a autora desse trabalho. Segundo seus filhos, vários cadernos escritos por ele foram queimados, pois optaram por guardar apenas um como lembrança. Nesse processo de seletividade da memória o conteúdo dos relatos não foi levado em conta, sendo escolhido para guardar o que estava em melhor estado de conservação.

² Habilitação para casamento de Sebastiano Thecchio e Thomazina Soffoletto. Cartório de Registro Civil de Veranópolis. Caixa 37. Acervo do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

³ Essas informações encontram-se na Carteira Militar de Ernesto Baptista, p.12. Acervo pessoal da autora.

Grande do Sul. Após seu casamento, trabalhou como agricultor e migrou para o oeste catarinense onde faleceu no ano de 1961.

O Caderno de Anotações encontra-se dividido tematicamente em três partes. Inicialmente, o soldado copia informações fornecidas pelo Exército referentes às normas de comportamento e códigos de comando de guerra. A segunda parte, a qual se dará mais atenção, é uma narrativa feita pelo soldado em forma de pajada que apresenta elementos do cotidiano da coluna legalista. Na terceira e última parte há canções que falam de patriotismo e outros temas românticos, as quais se supõe que eram cantadas no acampamento.

Assim como os demais documentos que servem à pesquisa em história, os documentos pessoais precisam de um olhar atento do historiador e de análise crítica. Em relação aos documentos pessoais, deve-se atentar quanto à intencionalidade do texto, dos objetivos e do que se pretendia deixar registrado. É preciso considerar quem é o sujeito histórico que está escrevendo e de que lugar ele fala, para então entender a construção de sua narrativa, bem como suas escolhas por silêncios e esquecimentos. Ernesto Baptista Tecchio explicitava na escrita sua condição de soldado raso, especialmente nos momentos em que busca uma aproximação com o grupo ao qual pertencia, ou seja, aos demais soldados de sua tropa. O poder da escrita apresenta-se como uma forma de mostrar parcialmente o que o indivíduo viveu e como pretendia ser visto, bem como tecer considerações sobre o grupo no qual estava inserido.

Nota-se a especificidade do documento em estudo, visto que é mais comum encontrar relatos de generais e comandantes das revoltas. Ao contrário disso, tem-se o relato de um “soldado raso”. Artières (1998, p.28) ressalta que “[...] arquivar a própria vida não é privilégio de homens ilustres (de escritores ou de governantes). Todo o indivíduo, em algum momento da sua existência, por uma razão qualquer, se entrega a esse exercício.” É difícil demarcar exatamente qual era a pretensão de Ernesto Baptista Tecchio ao produzir seus escritos, até porque grande parte de sua produção não foi preservada, no entanto é notório que havia a intencionalidade de deixar registradas suas interpretações sobre o que viveu. Artières (1998, p.29) destaca que:

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o

próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo.

A escrita é usada por Ernesto Baptista Tecchio, dentre várias outras possíveis intencionalidades, como recurso para ser lembrado. Nos anos em que produziu essa fonte, de um modo geral a história dedicava-se a estudar pessoas que ocupavam espaços de maior visibilidade social. Mesmo sem prever seu texto como objeto de estudo, a escrita lhe permite deixar registrado um pouco de si enquanto sujeito histórico. Pesquisar com base na escrita de si, conforme sublinha Gomes (2004, p.12), é “uma idéia que confere à vida individual uma importância até então desconhecida, tornando-a matéria digna de ser narrada como uma história que pode sobreviver na memória de si e dos outros. [...] se o ato de escrever sobre vidas é muito antigo, a idéia de que a vida é uma história é bem mais recente.” Nesse sentido, trabalhar com os relatos de um soldado raso implica em inserir-se em uma abordagem relativamente recente nas pesquisas em história.

As pajadas são marcadas pela criação de identidade, o que indica a ilusão do autor em escolher a imagem de si nelas representada. A atenção dispensada a esse documento é entendê-lo enquanto uma representação que expressa principalmente as apreensões de Ernesto Baptista Tecchio. Os registros oficiais, por exemplo, não expressam tão claramente a subjetividade de quem está escrevendo, sendo necessário problematizar as noções de verdade presentes nos registros pessoais ou criadas na imaginação dos pesquisadores que os utilizam. É o cuidado com o que Moreira (1998, p.6) chama de encanto:

Porem o encanto dos documentos pessoais tem a sua especificidade, e ela poderia ser batizada de ‘a ilusão da verdade’. A ilusão é tanto mais perigosa, a meu ver, quanto mais está relacionada ao que talvez de mais rico os documentos pessoais podem trazer. Como me referi antes, as novas tendências historiográficas tem buscado constantemente dar vida à história: dar cor e sangue aos acontecimento, que não acontecem ‘naturalmente’, mas são produzidos por homens reais, quer das elites, quer do povo. Nesse sentido, os documentos pessoais nos permitem uma espécie de contato muito próximo com os sujeitos da história que pesquisamos. Neles ‘nossos’ atores aparecem de forma fantásticamente ‘real’ e ‘sem disfarces’. Nós, historiadores, podemos passar a conhecê-los na ‘intimidade’ de seus sentimentos e nos surpreendemos a dialogar com eles e até a imaginar pensamentos.

Assim como Artière, Moreira também destaca a busca da historiografia recente em documentos pessoais, não apenas produzidos pelas elites, mas por homens comuns, como é o caso do documento estudado. Conforme destaca Moreira, há elementos dos sujeitos históricos que são mais visíveis em relatos pessoais: os sentimentos, as opiniões, a informação aparentemente despretensiosa. Esses elementos podem presumir certa verdade implícita nos documentos, provocando o dito encantamento. No entanto, é justamente a esse respeito que se deve atentar, pois mesmo sendo os documentos pessoais tão verossímeis como quaisquer outros tipos de fonte, é preciso buscar o entendimento da intencionalidade de quem o produz. Quem escreve pode ter vários objetivos, como ser lembrado, contar a história a seu modo, beneficiar-se de elogios aos superiores, etc. Afirmar especificamente qual é a intencionalidade requer uma análise específica de cada documento, senão de cada trecho do documento. O que se sabe de um modo geral é que quem escreve já não é imparcial, está fazendo uso do conhecimento da escrita para expressar seus ideais. Tudo isso deve ser cuidadosamente examinado aos se empreender uma análise histórica com esse tipo de fonte.

Conforme exposto acima, os documentos pessoais devem contar com um procedimento crítico diferenciado. Os documentos oficiais são construídos com a consciência de que serão lidos, não necessariamente para uma pesquisa em história, mas porque o registro tem sua finalidade naquele período em que é elaborado. Já quem produz relatos pessoais nem sempre tem ideia de quem serão seus destinatários, quem lerá seu texto e quais serão os usos feitos dele. Com os trechos abaixo se pretende citar exemplos de diferentes possibilidades desses usos encontradas em um mesmo texto:

E quando algum sucumbir
Nesses combates frementes
Que ao menos saiba o Rio Grande
Que os seus filhos são valentes⁴

Dependendo do contexto de interpretação, esses mesmos versos poderiam servir para exaltar o papel importante dos soldados rio-grandenses que defenderam a pátria nas Revoltas Tenentistas ou então a valentia desses soldados gaúchos frente à guerra. Num

⁴ Caderno de Anotações de Ernesto Baptista, p. 39. A forma de escrita da época será mantida mesmo em quando difere das normas atuais.

outro sentido, é possível interpretar que a ameaça da morte estava próxima a Ernesto Baptista Tecchio e ele busca algo que possa justificar a participação na luta. Qual dessas três, dentre tantas outras interpretações que se pode fazer, é a mais aproximada da intenção de Ernesto Batista aos escrever seus versos? Não cabe à história precisar a intenção de quem produz o documento, e por maior que seja o esforço, é improvável que se chegue a uma resposta a esta questão. Cabe ao historiador pensar que o relato é carregado de significações para seu autor, e que essas significações devem ser entendidas em seu contexto de produção, levando em conta que as mesmas palavras podem assumir papéis diferentes em temporalidades distintas. Ou seja, a história não revela o que o autor quis dizer, mas pretende compreender o processo histórico a partir de um documento elaborado no passado, o que exige ainda o cuidado para não se cometer anacronismos.

No que diz respeito à natureza dos escritos de Ernesto Baptista, há um impasse em definir em qual categoria esse documento poderia ser pensado. Ao tratar do diário de Getúlio Vargas, Remédios (1996, p.5) faz uma diferenciação entre diário íntimo e autobiografia:

O diário íntimo diferencia-se da autobiografia quando se observa a perspectiva de retrospectiva, pois há melhor distância temporal e espacial entre o *eu*, o *vivido* e o *registro* desse vivido pela escrita. Além disso, por ser escrita privada, o diário deixa de lado o pacto entre o autor e o leitor, o que o afasta mais uma vez da autobiografia. Quando o diarista se cria na sua escrita, ele, como o pintor, está a ver-se diante de um espelho que [...] é o espelho de Narciso. Então, esse gênero não possui qualquer horizonte de expectativa, porque não obedece a qualquer modelo, uma vez que ele não conta *o que fez*, mas busca dizer *quem é* através da experimentação da linguagem (Grifos da autora).

Estudar o documento escrito implica pensar como ele foi produzido em sua relação com o espaço/tempo. É nesse sentido que se dá a diferenciação feita por Remédios, pois o diário supostamente é escrito, como o nome sugere, no dia do acontecimento, enquanto a autobiografia evidencia os aspectos referentes à memória. Mas, nem todos os documentos pessoais se encaixam nessas categorias previamente estabelecidas, como é o caso dos relatos de Ernesto Baptista que podem ser classificados de várias maneiras. Se levado em conta aspectos como a preocupação em

registrar datas e locais, pode ser entendido como um diário, conforme explicação anterior. Segue abaixo um dos versos que ilustra essa ideia:

E seguindo em perseguição
As colunas inimigas
No dia 14 de janeiro
Fomos ficar em Formigas[...]

Pela alta madrugada
Dia 21 de janeiro
Fomos despertados a bala
Pelo inimigo traçoeiro⁵

O texto contém elementos comuns a um diário pelas informações trazidas, mas não segue a estrutura de um diário. Não se tem a intenção de afirmar a categoria em que o Caderno de Anotações se enquadra, mas compará-lo com fontes que se pode definir evidencia algumas informações sobre a fonte. Nota-se que em alguns trechos o conteúdo parece privado, especialmente quando critica os comandantes legalistas pela forma que tratam os soldados. No entanto, em outros trechos o texto aponta para a intenção de que ser lido, visto que por diversas vezes aparece em seus escritos expressões como “amado leitor” ou “conto agora aos leitores”. Seria inapropriado dizer que houve a pretensão de escrever uma autobiografia, afinal a maior parte dos escritos não foi preservada e o que se tem não é suficiente para tal afirmativa. No entanto, é certo que várias passagens - especialmente sobre os conflitos - não são registradas exatamente no dia daquele evento, tendo então o que Remédios chama de distanciamento entre o eu, o vivido e o registro desse vivido através da escrita. Além das duas categorias abordadas, os relatos ainda são considerados poesia, visto que são elaborados em forma de pajas e expressam um traço marcante da literatura gaúcha. Com esse impasse em estabelecer uma categoria que dê conta de explicar o que é o documento estudado, utiliza-se a definição dada pelo seu autor de Caderno de Anotações. No que tange às reflexões teóricas, os trabalhos que tratam de outras “escritas de si” ajudam a entender a fonte em estudo. Ainda no que diz respeito à utilização de diários, Moreira (1996, p.8) levanta outros aspectos que merece atenção:

⁵ Caderno de Anotações de Ernesto Baptista, p.48-49.

(...) a utilização de diários como fonte documental no trabalho de (re)construção histórica assume cada vez mais um duplo papel: o de permitir ao pesquisador analisar o momento em que foi escrito, ou pelo menos depreender algumas de suas características, e o de informá-lo sobre a trajetória de vida do diarista. A obra é ela o seu próprio tempo. Ou melhor, o tempo de seu autor, enquanto representante de uma determinada sociedade, classe e época.

Evidentemente, quem elabora um diário ou o que se pode chamar de escrita de si está imprimindo marcas de seu contexto histórico, e essas marcas são passíveis de interpretação. Mas, além disso, é preciso entender o relatante em suas especificidades. É neste sentido que se deve usar documentos pessoais a fim de compor uma (re)construção histórica. Os relatos de Ernesto Baptista Tecchio indicam possibilidades de interpretação em torno das Revoltas Tenentistas, contendo a particularidade de serem elaboradas por um dos participantes deste processo. Assim, os relatos são representações de parte da história de vida de seu autor e do contexto vivenciado por ele, sendo uma leitura de determinada realidade.

Ao escrever os versos com dados que o aproximam de um diário, há uma tentativa de demarcar o espaço/tempo do qual está falando, contendo datas fragmentadas e apontando o local em que a tropa estava a cada momento. A fragmentação dos registros é fruto do contexto em que foi produzido, o relatante aponta para a impossibilidade de elaborar um registro capaz de dar conta da totalidade no seguinte trecho:

Tudo que allí se passou
Não pode a penna escrever
Porque a bala de canhão
No sertão chega a gemer.⁶

Ao mesmo tempo em que admite a impossibilidade do relato totalizante, logo a escrita segue uma justificativa para essa impossibilidade. Nesse sentido, não parece que o autor tem consciência de que sua fala é um ponto de vista e por isso não é capaz de compreender o todo, nem que sua memória é seletiva e acaba escolhendo o que a seu

⁶ Caderno de Anotações de Ernesto Baptista, p.59.

ver merece ser registrado. O que impossibilita seus registros de um “todo” são os enfrentamentos, o que motiva a elaborar relatos em alguns momentos é o que o impede de relatar. Como se pode ver, os documentos pessoais deixam lacunas assim como qualquer outro registro. O problema da parcialidade do relato e da não totalidade acompanha os documentos pessoais, assim como ocorre com documentos oficiais, entrevistas, jornais ou outras fontes de pesquisa para a história. Conforme afirma Ginzburg “Se as pretensões de conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a idéia de totalidade deve ser abandonada. [...] Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (2009, p.177). Estudar as memórias de Ernesto Baptista Tecchio implica em seguir indícios, numa busca constante de outros documentos para preencher as lacunas deixadas pela fonte.

Ainda no que se refere à memória, compreende-se a opção por registrar como uma maneira de se conservar lembranças. De acordo com Halbwachs (1990, p.80), possivelmente na concepção de Ernesto Baptista Tecchio “as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem”. Desse modo, as anotações de são a materialização intencional de suas memórias através do ato de produzir as pajadas.

Considerando os elementos já mencionados no que diz respeito à memória seletiva, cabe lembrar que os silenciamentos de Ernesto Baptista são reveladores e podem, bem como os registros, serem interpretados. As disputas políticas entre revoltosos e o governo de Arthur Bernades não são mencionadas, o que pode vincular-se à formação recebida no Exército. Conforme análise empreendida sobre as instruções recebidas no Exército que constam no início do Caderno de Anotações, nota-se que a formação dos soldados voltava-se para “a luta em honra à pátria” e não para que se questionassem os rumos da política nacional. Talvez, as instruções militares tenham influenciado na abordagem dada pelo soldado.

Desse modo, buscou-se expor alguns exemplos de como proceder a construção do conhecimento histórico por meio de documentos pessoais. Evidentemente não foi possível oferecer um balanço historiográfico completo sobre o uso desse tipo de fonte, mas sim mostrar algumas discussões em torno desses estudos.

LISTA DE FONTES:

- Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio. Acervo pessoal da autora;
- Habilitação para casamento de Sebastiano Thecchio e Thomazina Soffoletto. Cartório de Registro Civil de Veranópolis. Caixa 37. Acervo do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul;
- Carteira Militar de Ernesto Baptista Tecchio. Acervo pessoal da autora;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4. n.7, 1991.
- ARTIÈRES, P. *Arquivar a própria vida*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n 21, p. 9-34, 1998.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.
- CARONE, Edgard. *Revoluções do Brasil Contemporâneo (1922-1938)*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.
- CARVALHO, José Murillo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. *Forças Armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CASTRO, Celso. *A invenção do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- CHARTIER, Roger. *Inscrever e Apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2007.
- _____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- COELHO, Edmundo Campos. *Em Busca da Identidade. O Exército e a Política na Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CUNHA, Maria Teresa. Territórios abertos para a história. In.: PINSKY, Carla B. (org) *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: Ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930*. Historiografia e história. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- _____. *História do Brasil*. 12. ed. São Paulo: EdUSP, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A Reação Republicana e a crise política dos anos 20. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 9- 23, 1993.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Sumara Conde Sá. *A crise dos anos 20 e a revolução de 30*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *A Reação Republicana e a crise política dos anos 20*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 9- 23.

FOISIL, Madeleine. A escritura de foro privado. In.: CHARTIER, Roger. *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. (org.). Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria Betania Amoroso. São Paulo, Companhia das Letras: 1987.
_____. *Mitos, Emblemas e Sinais*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo, Companhia das Letras: 1989.

GOMES, Ângela de Castro. *A escrita de si, escrita da história*. (org.). Rio de Janeiro: Editora FGH, 2004.

_____. Nas malhas do feitiço: o historiador e o encanto dos arquivos privados. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1998.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. *El gaúcho sin pátria: a canção anarquista na Argentina*. Anos 90, Porto Alegre, n.15, 2001/2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. *Identidade Cultura na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 1999

LANNA, Mário Cléber Martins. Tenentismo e crises políticas na Primeira República. In: FERREIRA, J. (org.). *O Brasil Republicano*. vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In.: *História e Memória*. 5º ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivos. In.: PINSKY, Carla B. (org) *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MOREIRA, Regina L., Os diários pessoais e a (re)construção histórica. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.17, 1996.

MOTTA, Marly da Silva. 1922: em busca da cabeça do Brasil moderno. Rio de Janeiro, CPDOC, 1994.

PENNA, Lincoln de Abreu. *República Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PEREIRA, Maristela Silva. Os Corpos provisórios da Brigada Militar: seus aspectos e utilitários (1923-1927). (Dissertação). PUC/RS, 1993.

PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. *A preservação da vida na escrita: o diário de Getúlio Vargas*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 17, 1996.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In.: REVEL, Jacques. (org) *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROSENTAL, PAUL-ANDRÉ. Construir o “macro” pelo “micro”: Fredrik Barth e a microstória. In.: REVEL, Jacques. (org) *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografias Históricas: o que há de novo? In.: PIRES, Ariel José et al. *História, linguagens, temas: escrita e ensino do história*. Guarapuava/PR: Unicentro, 2006.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memória em terrenos de história: problemáticas atuais. In.: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia. *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2004.

THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VISCARDI, Cláudia M. R., *O Teatro das Oligarquias: uma revisão da “política do café-com-leite”*. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.